

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA E A SOCIEDADE RACIONALIZADA

ADÍSIA SÁ

Eu poderia iniciar esta reflexão pelo ângulo narrativo, ou seja, evolução dos meios de comunicação de massa. Tal tarefa, entretanto, pode ser desempenhada por qualquer pessoa, bastando que se debruce sobre obras especializadas. Prefiro, isto sim, fazer uma análise histórico-filosófica do momento em que se vive e, neste momento, enfatizar os meios de comunicação, seu papel na “massa humana” e no indivíduo.

Inicialmente farei uma abordagem gnosiológica primária e, por esta razão, necessária ao desenvolvimento do tema ora proposto.

Dois são os elementos do conhecimento:

— sujeito (que é o homem) e

— objeto (que é a realidade).

Objeto, então, é o real captável pelo sujeito. O real — convém frisar — só tem existência porque o homem existe: é o homem que dá sentido existencial e existência conceitual ao objeto. (1) Realidade é tudo que cerca o homem e, ao mesmo tempo, pressiona o homem. A realidade pressiona o homem, justamente porque ele se situa aí (na realidade), entre objetos. Em se situando na realidade, eu diria, seguindo o primado materialista, que a consciência passa a ser plasmada pela realidade. Convém que se diga, entretanto, que isto não é em termos absolutos: há no homem uma plasticidade muito gran-

(1) — Homem aí empregado como humanidade e como unidade. Exemplo: nenhum homem dos nossos dias testemunhou a Idade Média, mas outros homens (indivíduos), não só testemunharam, como fizeram a Idade Média. Com isto eu creio que a humanidade se estenda, se prolongue e se realize nos homens (indivíduos) de todos os tempos.

de que faz com que ele, ao mesmo tempo em que é pressionado pela realidade (meio, objetos, homens), transcenda a esta realidade. Este fenômeno — estímulo-resposta, nós chamamos isoladamente “teoria” e “prática”. Quando nós dizemos que o objeto é subjetivado pelo homem, estamos informando que o objeto é apercebido pelo homem, ou seja, o processo da subjetivação acontece ou “teoria”. O objeto está à frente do sujeito (mental ou fisicamente falando), que o subjetivo — momento em que se processa a reformulação do objeto no sujeito ou trabalho mental (cujos instrumentos são as informações mentalmente já existentes), em seguida o sujeito responde ao objeto, agindo sobre ele ou “prática” (praxis ou ação).

Quando se fala em “teoria” e “prática”, isoladamente, fala-se em termos didáticos, esclarecedores, metodológicos, pois são momentos inseparáveis. A teoria é fruto da subjetivação do objeto pelo homem e a prática é a objetivação da subjetividade do homem sobre o objeto. Tal fenômeno é imediato, conseqüente, enfim, é um processo. Separar os dois momentos só é possível em termos de esclarecimento no discurso, pois na verdade isto não acontece.

O homem se relaciona com a realidade, superando-a (transcendentalidade do homem) e a supera justamente por isto: capta a realidade, refunde-a dentro de si com as outras informações que possui e responde. A resposta do homem ao estímulo da realidade não é um mero reflexo ou espelho da realidade, mas fruto de toda uma experiência ou conhecimento mentalmente acumulados.

Não tivesse o homem esta capacidade de superação da realidade, nada teria mudado no mundo e o mundo, como vemos, é o mundo do homem ou mundo hominizado, quer dizer, mundo preparado pelo homem para sua própria moradia. Homem e realidade, portanto, se relacionam.

Homem e realidade se relacionam: realidade se faz subjetividade e subjetividade se faz realidade ou, noutras palavras: homem e objeto se relacionam — objeto se faz subjetividade e subjetividade se faz objeto (objetividade). Ora, se não é o homem um mero repetidor da realidade e não é a realidade um xerox da consciência do homem, estamos lidando com um processo dialético. E o que sabemos é que cada vez que o homem muda a natureza, muda também a sua natureza, numa expressão hegeliana.

Assim posta a questão, importa dizer que a consciência do homem é trabalhada pela realidade e a realidade trabalhada pela consciência do homem. (2)

Eu não vejo dois momentos estanques: eu vejo um processo. As-

(2) — Este trabalho não é tão tranqüilo, como possa parecer. Como, na evolução, a mutação acontece: então o fenômeno ou desaparece totalmente ou provoca a criação de uma forma nova.

sim explica-se a presença de vários tipos de consciência no decorrer das Idades: mítica, religiosa, tecnológica...

Mas, eu faço questão de dizer que, mesmo tendo a humanidade atravessado vários tipos de consciência, não foi universalmente constatado este fato, isto é, coexistiram no mesmo instante e no mesmo espaço as mais diversas formas de consciência. Como hoje, por exemplo, quando temos a chamada consciência tecnológica e constatamos no mesmo ambiente e, às vezes, no mesmo homem, as outras formas de consciência.

Não vamos, no momento, examinar outros tipos de consciência que não o tecnológico, apontado como o dos nossos dias. Ora, se é decisivo o papel do homem na reformulação do mundo e se é no mundo a formação do homem, deduzimos que cada vez que o mundo forma a consciência do homem, a consciência do homem altera a formação do mundo. Noutras palavras: cada alteração do mundo pela consciência do homem significa mudança na consciência do homem. (3)

Não se pode, então, falar nos meios de comunicação de massa isoladamente, isto é, fora do contexto em que está o homem.

Pergunto, então, o que caracteriza a era tecnológica e, conseqüentemente, a consciência tecnológica? A era tecnológica caracteriza-se pela produção e pelo consumo de massa, tomados na sua extensão maior, ou seja, social, econômico, humano... Eu faço questão de não retirar a expressão "humano". A era tecnológica produz e consome, inclusive o homem. (4)

O homem, e eu gosto de dizer isto, é o produto mais consumível do nosso tempo. Consumível e consumidor. A nossa época tecnológica produz para ser consumido, inclusive, repito, o próprio homem e até a linguagem empregada na comunicação de massa não esconde o propósito da mensagem. Caetano Veloso, por exemplo, canta que "este cara está me consumindo". A VARIG mostra o mundo como uma maçã sendo comida pelo viajante...

(3) — "... a partir daí, no curso de uma aventura milenar, onde causas e efeitos se emaranham e se condicionam reciprocamente, o homem modifica seu meio, e, através de seu meio, modifica-se a si próprio e se lança para novas transformações. Nada de contínuo nesta marcha. Nada de unilinear." (George Friedmann — 7 estudos sobre o homem, p. 15.)

(4) — "Assim como a crença iluminista na razão se transformou numa geral receptividade para reorganizações e planos, assim também na justificação da felicidade terrena, outra descoberta do iluminismo, está em germe a segunda existência da sociedade industrial: a necessidade do consumo. O direito a uma vida confortável é o outro pressuposto fundamental tão incontestado como a reorganização da sociedade que deverá ser, afinal, um meio para atingir esse fim." (Arnold Gehlen — A alma na era da técnica, pp. 94-95.)

Há um filósofo espanhol muito rico em imagens — Julian Mariás — que situa o período de 45 a 69, começando com a bomba atômica e terminando com a chegada da Apolo XI à lua, como o apogeu da tecnologia. Com isto Julian Mariás informa que a era da ciência e da tecnologia já chegou e é a nossa era. (5)

Mas é preciso que se diga que esta constatação não nos dá o direito de dizer que a nossa era seja filha dela mesma e que o homem do nosso tempo seja fruto dele mesmo. Não, todas as idades prepararam esta idade e todos os homens prepararam este homem.

A idade tecnológica e a consciência tecnológica não são, em absoluto, filhas delas, mas fruto de uma longa evolução teórico-prática.

Técnico é o homem. Quando Anaxágoras dizia que “o homem pensa porque tem mãos”, situou a atividade como traço do homem. (6)

Se bem que Alvin Toffler não aceite mais o método comparativo como instrumento de avaliação e prospecção, ainda acredito que o passado clareie bastante o presente e ilumine sobremodo o futuro. (7)

Toffler diz que vivemos num mundo tão impressionantemente marcado pela mudança e a imprevisibilidade, que é impossível julgarmos este tempo pela imagem do passado e que jamais poderemos fazer prospecções através deste mesmo processo. Mas eu acredito que ainda seja possível ao homem, pela análise do passado e do presente, perquirir o futuro.

A nossa idade pode ser considerada a idade da racionalização, assim como os séculos XVII e XVIII foram chamados de séculos da Razão e do Iluminismo, em contraposição à Idade Média. (8)

Eu não estou chamando a idade contemporânea de idade da razão e sim da racionalização. O Iluminismo era uma resposta, a antítese da Idade Média. No Iluminismo nós tivemos, teoricamente, o

(5) — Julian Mariás — *Revista Brasileira de Filosofia*, n.º 78, p. 121.

(6) — ... “A Antropologia Moderna tornou evidente que o homem, em consequência da sua falta de órgãos e instintos especializados, não está ajustado a nenhum meio natural específico e, por conseguinte, tem de recorrer à transformação inteligente de quaisquer circunstâncias naturais que encontre. Pobre de sentidos, indefeso, nu, embrionário no conjunto dos seus hábitos, inseguro nos seus instintos, ele é o ser que existencialmente está voltado para ação.” (Arnold Gehlen — *A alma na era da técnica*, p. 16) E mais: “Se entendermos por técnica os meios e as capacidades pelas quais o homem põe a natureza a seu serviço, descobrindo as suas qualidades e leis que aproveita e põe em jogo umas contra as outras, a técnica pertence à essência do homem.” (Id., p. 17.)

(7) — Alvin Toffler — *Choque do futuro*.

(8) — O século XVI, como início do Humanismo Moderno. É interessante, na oportunidade, uma leitura de Erasmo, visto como pai do Humanismo europeu.

apogeu da razão e no nosso tempo temos a prática da razão. Eu emprego a expressão “racionalização”, como o faz Philipp Lersch. (9) O homem racionalizou o seu mundo e é este o traço do nosso tempo. O homem racionalizou o mundo ou, como diz Lersch:

“El aparato, la técnica, la mecanización, la organización, la división del trabajo y la centralización son, pues, las realidades de la vida moderna.” (10)

O que caracteriza a racionalização é a colocação, na realidade, de todo instrumental da razão aplicada. O Iluminismo era uma teoria, a racionalização é a prática. Como teoria e prática não andam isoladamente, esta síntese (racionalismo e racionalização) teria que acontecer, a despeito de uma distância de quase dois séculos. E esta distância de quase duzentos anos é compreensível em se tratando de humanidade.

No meu entender os séculos XVII e XVIII prepararam, teoricamente, aquilo que foi acontecendo no século XIX (era industrial), culminando nos nossos dias: era da racionalização ou da tecnologia ou era pós-iluminismo, como insinua Arnold Gehlen.

Todo mecanismo da razão é posto em prática pelo homem na realidade, em nossos dias. Ortega y Gasset diz textualmente:

“El hombre que ahora intenta ponerse al frente de la existencia europea es muy distinto del que dirigió al siglo XIX; pero fué producido y preparado en el siglo XIX.” (11)

Eu não diria apenas “existência européia” — mas “existência”, isto é, o homem de hoje foi produzido e preparado nos séculos XVII, XVIII e XIX.

É impossível uma justa compreensão da idade tecnológica e o papel dos meios de comunicação de massa sem o enfoque ora realizado.

Está situado o homem no mundo onde tudo é racionalizado, controlado, não em função do individuo, mas da massa (o todo). O que nós temos de comum é a razão. O cérebro do homem é uma máquina computável, valendo dizer que o homem, como um todo, pode ser controlado cerebralmente, ou seja, computável. Aplicando-se esta

(9) — Philipp Lersch — *El hombre en la actualidad*, p. 186.

(10) — *Id.*, p. 27.

(11) — José Ortega y Gasset — *La rebelión de las masas*, p. 99.

concepção a todas as formas de atividade humana, vai se chegar justamente à massificação de todas estas atividades.

O nosso tempo busca o denominador comum, a média e aí situa toda realidade: ganha-se o social e perde-se o individual; ganha-se a humanidade e perde-se o homem. Em nome do homem busca-se encontrar o homem (o indivíduo) em todos os recantos do mundo e apressadamente. E por que isto? Porque vivemos a época da produção e do consumo: na Europa, na América, na África e em todas as atividades política, econômica, religiosa...

O tempo como que não existe mais em termos de presente: é, simultaneamente, passado e futuro. (12)

O espaço também desapareceu: não existe mais como terra, mar, ar. (13) Os meios de comunicação e transporte encurtam o espaço e diminuem o tempo. (14)

Tudo isto faz a vida dilatar-se, aumentar, ao ponto de ficarem, paradoxalmente distantes, as gerações, não mais em termos de dez ou cinco anos, mas de semestre a semestre (inclusive nas salas de aula). Antigamente constatava-se diferença nas gerações num espaço de dez ou cinco anos, mas eu hoje, por exemplo, vejo diferença de turma para turma, de dia para dia e, às vezes, no mesmo estudante.

Por que isto acontece? Pelo acúmulo de informações recebidas.

Aproximar-se-ão os homens, pergunto agora, pelo simples fato de as distâncias (geográficas, políticas) não mais existirem? A velocidade dos meios de transporte e de comunicação não obriga os homens a fugir de si mesmo e dos outros? (15) A pressa é tão grande

(12) — V. Astronaves, televisão, telex, telefone, satélites. A velocidade destes veículos rompeu as barreiras do tempo. Eu posso, por exemplo, no Rio de Janeiro, pedir uma passagem para Moscou ou Tóquio e, no mesmo instante, ter a resposta: número do talão, companhia, aeroporto, chegada. O tempo não tem mais a sua tridimensionalidade convencional.

(13) — Eu posso em minutos, estar aqui no Brasil, na lua, como a milhares de quilômetros no fundo do mar.

(14) — V. *O mundo do homem: Os meios de expressão*, p. 367.

(15) — O boicote petrolífero imposto a quase todos os países do mundo pelos árabes levou milhões de homens, da mais humilde vila às grandes capitais, a abandonar seus automóveis, suas lanchas, seus aviões e a usar bicicletas, carroças. Este pequeno tempo de calma deixará alguma marca no comportamento humano? O jornal italiano *Corriere Della Sera* diz que sem gasolina a população cresce. O fato de 56 milhões de italianos, de agora em diante, passarem mais tempo ao lado de suas mulheres e em casa poderá resultar num aumento brutal no índice de natalidade do país. Isso traria conseqüências desastrosas para a economia do país. (*O Estado*, 7.XII.73, p. 5). Creio que esta indagação poderá ser estudada pelos cientistas sociais e uma resposta, acredito, será encontrada. Mas devo salientar que o retorno à bicicleta e aos lentos carros do passado, ao cavalo, inclusive, já vinha acontecendo no seio da juventude, antes do bloqueio árabe. Necessário se faz acrescentar, agora, o que aconteceu no período da chantagem petrolífera: soluções

que o homem do nosso tempo não tem tempo de parar para pensar e viver. Há uma figura de Philipp Lersch muito curiosa: os homens, como que correndo num transporte em alta velocidade, não vêem mais as coisas e sim riscos e até a arte dos nossos dias apresenta apenas pinceladas e não rostos e não objetos e não paisagens. A pressa influi, inclusive, na produção artística. A pressa pesa, realmente, na maneira de pensar e de agir do homem.

Unir-se-ão os homens, pergunto ainda, pelo fato de rezarem pela mesma cartilha, não mais existindo segredos econômicos, segredos políticos e particulares? (16)

Vejam bem: a pressa gera a necessidade de novas informações: a pressa leva o homem a querer mais e mais coisas: sociedade de produção, sociedade de consumo, sociedade de consumo, sociedade de produção. Quanto mais o homem consome, mais quer consumir: então é preciso produzir mais e mais e apressadamente para alimentar a fome voraz do homem dos nossos dias.

A sofreguidão de novidades dos meios de comunicação de massa não leva o homem a esquecer-se de si mesmo?

O que caracteriza os meios de comunicação da sociedade atual

foram buscadas pelos homens do mundo todo (substituto da gasolina), inclusive no Brasil, que tentou o álcool destilado de cana-de-açúcar nos carros. Como disse Edgar Morin ao *Jornal do Brasil*: "As sociedades primitivas, e de modo geral todas as sociedades, a princípio não evoluem, parecem mesmo paradas. Mas, que as faz evoluir? Ou as contradições internas ou as invenções acidentais e individuais (como a descoberta do fogo por exemplo) ou uma pressão vinda do exterior que obriga o sistema a se desorganizar. Neste momento o sistema pode morrer, pode se tornar decadente mas também pode progredir. De certa forma, esta é a teoria que o historiador Toynbee anuncia quando fala do desafio. Quando olhamos a História da Humanidade vemos que foi um desafio que transformou um homúnculo em homem. Nosso ancestral, o australopiteco, era um ser que media 120 m de altura e tinha um cérebro com 600 cm³ de capacidade, equivalente ao do chimpanzé. Por que então o nosso ancestral progrediu? A explicação é que o chimpanzé vivia na floresta tropical em segurança sem ser ameaçado pelos predadores e em relativa abundância de alimentos. Por sua vez o australopiteco era um animal que habitava a savana, enfrentando outras condições climáticas e com possibilidade de alimentação bem mais difícil. A falta de uma base alimentar vegetal levou-o a procurar a carne: assim ele se tornou predador e para caçar fez suas ferramentas. Há quatro milhões de anos. Esta modificação acarretou todo um desenvolvimento." (*Jornal do Brasil*, 1.º caderno, 24.9.72.)

(16) — Não existe segredo econômico — empresas multinacionais; não existe segredo político — Watergate; não existe segredo particular, seja dos pequenos ou dos grandes: tudo isto ocupa as páginas de jornais e revistas. "Certas emoções outrora simplesmente vividas tornaram-se matéria literária e, portanto, publicitária." (Arnold Gehlen, p. 76, ob. cit.).

que não a pressa de dar mais novidades, novidades reais e às vezes irreais, fantasiosas? (17)

Vivemos a época do “não tenho tempo, tenho pressa” e o resultado é que não se pára para pensar, para viver, para refletir. Produz-se... consome-se...

Produzem-se novidades colossais, consomem-se novidades colossais... voluptuosamente, agora, sem tempo para digerir. O homem não tem mais tempo para digerir as informações que recebe, nem tempo de refazer as pressões massificantes que o sufocam.

Tudo é pressa... Tudo é novidade...

Vivemos a época dos recordes — onde a pressa e a novidade se casam.

Quem come mais... Quem é mais alto... Quem tem os seios mais exuberantes...

“La época de las masas es la esposa de lo colosal.” (18)

Não há mais ordenação nas informações: há novidades reais e conjecturais.

A racionalização é tão absorvente e globalizante que, à semelhança do que diz Philipp Lersch, vivemos sob o domínio da “ditadura do aparato anônimo”.

Não vivemos mais sob a ditadura econômica ou política e sim sob o império do “aparato anônimo”. Tudo está montado anonimamente para o homem consumir: supermercados (ninguém sabe quem montou, quem fabrica); *pret-a-porter*, produção e divulgação em massa até das obras de arte, sem excluir, repito, o próprio homem. (19) Outra explicação não vejo para a ascendência e a decadência dos ídolos de massa: todos têm que aproveitar o instante supremo em que se encontram no vértice do gosto popular, pois é veloz este instante. Todos têm que aproveitar o momento da consumição, antes que outros tomem os seus lugares: sejam os políticos, os artistas

(17) — Filme que se pretende fazer na Dinamarca sobre Jesus, objeto de críticas as mais violentas de todas as partes do mundo. Arnold Gehlen fornece, em dado momento de seu livro, os ingredientes da reportagem. “A reportagem que pretenda atingir a vista ou o ouvido, por intermédio da leitura, terá de desenvolver um estilo fulminante: curto e dramático. A notícia tem de ser condimentada, os títulos deverão chamar a atenção, as fotografias deverão ser sensacionais para se contraporem à apatia do homem saturado ou ao seu deliberado desejo de esquecimento. Os sentimentos e paixões provocados e suscitados por estímulos desta espécie têm, pois, em alto grau o aspecto de marcas de jogo ou de simples invólucros.” (Arnold Gehlen, ob. cit., p. 75.)

(18) — José Ortega y Gasset — ob. cit., p. 53.

(19) — Ao mesmo tempo em que digo isto, penso na imensa possibilidade que tem cada homem de encontrar-se como subjetividade na sociedade atual. A quase infinita multiplicidade de ofertas permite, a meu ver, que cada um de nós se realize como pessoa. O tema, francamente, é muito complexo e eu estou lentamente nele penetrando

de cinema, rádio e televisão, corredores de automóveis, jornalistas...

A racionalização gera, então:

- organização (Ou a chamada burocracia. Burocracia que não é privativa de repartição: vivemos sob o peso da organização.)
- anonimato (Ninguém é ninguém no mundo massificado e massificante de nossos dias.) (20)
- superficialidade (A pressa gera a superficialidade. Ficamos na periferia dos fatos e até os veículos de comunicação de massa são atingidos por este espírito periférico. Aquilo que o homem vê superficialmente não lhe dá a perspectiva real do que seja.)

A racionalização é responsável pelo surgimento do homem-massa, caracterizado pelo querer (cupidez) e pelo fazer dirigidos.

Mas eu quero chamar a atenção para o seguinte: a racionalização tem no seu cerne a sua própria contradição e isto é o fenômeno natural das coisas, ou seja, dialeticamente toda teoria que se torna prática gera, imediatamente, a sua antítese. E a antítese da racionalização já está no seu substratum:

- rebeldia
- conformismo ou alheamento. (21)

A racionalização, então, já está formando, em si, a nova forma de consciência que a substituirá um dia.

(20) — As chamadas publicações biográficas — *Who is who*, por exemplo, são avidamente procuradas — numa demonstração de que o homem, cioso de sua individualidade, anseia por algo que o personalize, que o apresente como “quem” no mundo do ninguém...

(21) — Fato curioso está acontecendo em várias partes do mundo: um retorno ao passado. Em Paris, por exemplo, voltam a rodar discos de Caruso e Tino Rossi e lojas instaladas pelos Campos Elíseos exibem trajes femininos e masculinos vistos nos anos 1910|1930|1950. Mas, o retorno não é apenas (pelos jovens) na moda, na música: até na maneira de viver percebe-se o fenômeno: são as mesmas atitudes de artistas de 1918 e 1954, desde Rodolfo Valentino a James Dean, Paula Negri a Greta Garbo. Esta chamada nostalgia juvenil está sendo explicada como “um efeito do temor originado no indivíduo pelo progresso constante da tecnologia”. Edgar Morin diz: “Nós vivemos entre duas formas de morte. Um que é a rigidez mecânica, que é o fim das máquinas. E um outro tipo de morte que é a desintegração entrópica. A morte do homem, por exemplo, tem sua primeira fase na rigidez do cadáver e em seguida temos a decomposição. Transportando isto para os organismos sociais: se somos muito organizados estamos condenados à rigidez mecânica; ao contrário se muito desorganizados, nos decomponemos.” (*Jornal do Brasil*, cit.). O jovem, por exemplo, mesmo sentindo-se um projeto (realização mediante suas iniciativas e esforços próprios), não o realiza no nosso tempo à falta de espaço onde mover-se segundo seus próprios ditames, como expressa Gasset. O jovem, por isto, cedo se acomodará à situação, juntando-se aos demais homens, inclusive os de sua faixa etária.

A racionalização, repito, é responsável pelo surgimento do homem-massa. Quando eu digo "homem-massa", me refiro a uma pluralidade de indivíduos sem conexão interna, que se manifesta em função da quantidade.

Nós vivemos a época da quantificação e não a época da qualificação. Embora seja uma das leis da dialética, acho difícil a sua aplicação no caso em espécie, ou seja, de que a quantidade de informação (pressão) possa gerar a qualidade. (22)

O nosso tempo, por ser o da racionalização, é o da produção e do consumo em termos de massa. Tudo acontece em função da quantidade e tudo também é consumido em termos de quantidade. Daí a massa humana, filha da quantidade, do geral e, também, do pessoal.

A nossa época gera a eliminação da própria experiência, do juízo próprio, da decisão própria.

A supressão da liberdade e da independência significa a supressão do pensar, do sentir, do querer.

A experiência hoje é coletiva,

o juízo é comum a todos os homens,
a decisão é coletiva.

O nosso tempo está marcado pela supressão da liberdade, pela supressão da independência pessoal do sentir, do pensar e do querer...

Desaparecida a liberdade de conhecer, desaparece a liberdade de pensar, de querer e de agir. E por que? Porque envolto e envolvido o homem com as mesmas informações, há de ser a sua consciência uma xerox destas informações ou, como diz Cassirer, o homem está enformado.

Repito: tudo existe hoje na base da quantidade:

milhões de ouvintes,
milhões de leitores,
milhões de telespectadores. (23)

Tudo é coletivo:

o conhecer,
o gosto,
o pensar,
o agir.

Até a responsabilidade passa a ser coletiva, comum. (24)

Eu não sou cassandra: eu vejo também grandeza na racionalização.

(22) — Quarta lei — ou Lei do progresso por salto, transformação da quantidade em qualidade.

(23) — É a era da "indústria informativa".

(24) — Este tema pode ser desenvolvido muito bem na disciplina Ética e Legislação dos Meios de Comunicação.

Até agora eu, como uma velha carpideira, tenho chorado sobre a realidade racionalizada. Mas é preciso que se diga que a racionalização é responsável pelo advento da ciência voltada para o prolongamento da vida humana (transplante, geriatria, prevenção de doenças), humanização da economia preocupada em estender a todos os benefícios sociais, democratização da educação...

Se bem que eu veja a parte negativa da racionalização, não posso obscurecer os seus pontos positivos.

Se bem que eu sinta, também, o perigo da massificação envolvido a todos, inclusive aos que se rebelam (outra forma de consumo), vislumbro um pouco de luz para a interiorização do homem.

Dissemos que a existência do homem não é mero reflexo do mundo; o mundo também é projeção do homem. Aqui, então, a luz que se abre para a interiorização do homem. Esta quebra da massificação pelo indivíduo é a saída para aquilo que eu chamo de "retorno à autenticidade". (25)

Quando eu disse que a situação em que vivemos (racionalização) já trazia em si a sua antítese, deixei implícito isto que agora acabei de apontar: no seio da racionalização já se forma e já se encontra em andamento a sua destruição e a sua substituição (individualidade, autenticidade, interioridade). (26) Como exemplo eu apontaria a corrente rogeriana, como ponta de lança desta substituição. Sem ser exagerada na colocação, direi até que o Existencialismo representa uma forma de contestação à racionalização de nossos dias.

Mas, voltemos ao tema proposto.

O atual momento é caracterizado pela simbiose da trilogia temporal: não se pode falar no agora, se já é passado ou ente morto e o futuro, um ser presente.

Que sociedade atual, então, é o objeto desta reflexão, se o agora já não é mais, se o futuro já está sendo?

Os meios de comunicação de massa trazem em si, como a sociedade em que acontecem, os estigmas de nosso tempo:

- pressa
- novidade
- anonimato.

(25) — Este tema poderá ser objeto de outra reflexão, oportunamente.

(26) — Chama-se de consciência tecnológica à consciência dos nossos dias, à perspectiva, à atitude do homem marcadas pelo domínio da realidade universal através de instrumentos por ele elaborados, domínio que envolve e atinge tudo, inclusive o próprio homem. Portanto, a consciência tecnológica só aceita aquilo que se deixa dominar pelo homem. Eu digo, sempre que posso, aos meus alunos de Comunicação que se deve tratar a notícia (o fato) com carinho e respeito. Como se se tratasse, realmente, com um ser vivo. A notícia, para mim, é um ser vivo. Deve-se ter um profundo respeito ao público, mas muito mais à notícia, que é o nosso produto e produto consumível.

Os meios de comunicação de massa também são veículos de produção de mercadoria consumível e não podem, como as demais instituições sociais, ficar alheios a este processo: os meios de comunicação de massa são cada vez mais sofisticadamente beneficiados pela tecnologia. Tecnologia que só tem um sentido: produção de massa para consumo da massa humana.

Resta-nos refletir sobre o impacto dos meios de comunicação de massa no homem. Os veículos de comunicação de massa alimentam, em tese, a sociedade humana e é em termos de indivíduos que desejamos saber o sentido desta gama de informações, suas ressonâncias e conseqüências no seu espírito.

Quando eu digo que em tese os meios de comunicação atingem a sociedade, não entro no mérito da questão, isto é, se verdade ou não. No momento estou voltada para o impacto desses meios em cada homem.

O homem, em sendo um sistema aberto, possui os instrumentos necessários à captação dos estímulos do meio, mas esta abertura não significa infinitude de apreensão.

O homem, à semelhança de um "canal" (e ele é um canal) capta as informações do ambiente e as processa. Existe, entretanto, um limiar de percepção e um limite de saturação. Isto significa que é limitada a capacidade de captação e, conseqüentemente, de armazenamento de informações no homem e mais, esta limitação, quando atingida, responde por um colapso de execução. (27)

No homem isto acontece de uma tal maneira, que ele pode continuar recebendo informações sem que, todavia, responda. Não exagero quando digo que o nosso tempo é o tempo do neurótico, este homem que está sob o peso das informações, permanentemente, não só em termos de rádio, televisão, mas de painéis, vitrinas, o outro, as regras, enfim, de uma infinidade de informações que transcendem o convencional.

Tudo isto satura o homem, que passa a responder a coisas sem nexos, nada com coisa alguma: o seu interior está desmontado, sem coerência de qualquer espécie.

O homem dos nossos dias está sobrecarregado de informações. Eu pergunto, agora, esta carga de informações não levará o homem à desorientação, à alienação, tanto quanto se estivesse dirigido diretamente por um "controlador"? Será realmente necessário um ditador para massacrar o homem? Esta sociedade montada, racionalizada, não pode alienar o homem? Ou seja, tirá-lo de sua intimidade, de sua coerência interior, de suas referências, enfim, de tudo

(27) — Esta expressão "canal" é de Shanon e Weaver e teve sua raiz no telegrafo, mas atualmente é empregada em toda sua extensão, inclusive no homem.

isto que o sustenta? O homem, ao perder as suas referências, deixa de ser homem. (28)

A rapidez com que os meios de comunicação de massa nos jogam informações está a exigir, também, rapidez de decisão e rápidas opções.

O poder de processamento humano suportará o peso das informações, aguentará a rapidez das informações e resistirá ao impacto das novidades?

O homem será dono de seus quereres, de suas decisões num mundo onde o choque das informações é tão grande que não lhe sobra tempo nem condições para delinear o real e o factual, o verdadeiro e o ilusório? (29)

O homem dos nossos dias está saturado de informações e não possui, por isto mesmo, consciência do recebido e, conseqüentemente, não é mais dono de suas decisões.

Vivemos sob o impacto das informações e não temos mais o direito de decidir, de optar. Daí porque eu disse que o nosso tempo é caracterizado pela supressão da liberdade.

Toffler afirma e eu lanço como indagação final:

“Estamos forçando as pessoas a se adaptarem a uma nova velocidade de vida, a enfrentar situações novas e dominá-las em intervalos de tempo cada vez menores. Estamos forçando essas pessoas a escolher dentre opções que se multiplicam rapidamente. Estamos, em outras palavras, forçando-as a elaborar informações a um ritmo muito mais rápido do que o ritmo necessário nas sociedades de mutações vagarosas. Não há nenhuma dúvida de que estamos submetendo, pelo menos a algumas dessas pessoas, a uma superestimulação cognitiva. Que conseqüências poderá este fato acarretar para a saúde mental das sociedades tecnológicas, é um problema ainda a ser estudado.” (30)

(28) — Existem testes curiosos, como, por exemplo, colocar-se um sujeito numa casa em que a porta está em cima e as janelas embaixo ou experimentos em percepção. (James L. McGauch e outros — Psicobiologia.) Os sequestradores, penso eu, aproveitam-se de técnicas: levam um cidadão de olhos vendados, jogam-no num quarto escuro e iniciam um jogo de desorientação quanto ao tempo e ao espaço. O sequestrado passa a não ter mais noção de percepção, chegando, às vezes, às raias da loucura.

(29) — É interessante um retorno à Teoria da Informação.

(30) — Alvin Toffler — O choque do futuro, pp. 295/296.

BIBLIOGRAFIA

- FRIEDMANN, Georges — *7 estudos sobre o homem e a técnica*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968. 162p.
- GEHLEN, Arnold — *A alma na era da técnica*. Lisboa, Livros do Brasil, s.d. 158p.
- LERSCH, Philipp — *El Hombre en la actualidad*. Madrid, Gredos, 1967. 186p.
- MARIAS, Julian — O Pior dos mundos possíveis. *R. Brasileira de Filosofia*. São Paulo, 78: 240.
- MCGAUGH, James L. *et. al.* — *Psicobiologia*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1970. 410p.
- MORIN, Edgar — O Homem não pode aceitar como suas as regras da máquina. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 24 set. 1972. 1c. p. 16.
- ORTEGA Y GASSET, José — *La Rebelion de las masas*. Madrid, Revista de Occidente, 1956. 353p.
- TOFFLER, Alvin — *O Choque do futuro*. Rio de Janeiro, Artenova, 1973. 407p.